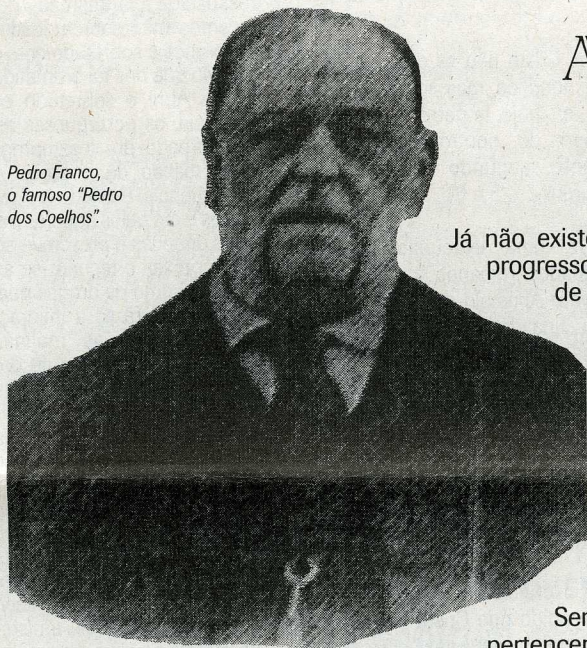


Por Alves Silva

AINDA O PEDRO DOS COELHOS

Pedro Franco, o famoso "Pedro dos Coelhoos".



Já não existe, não conseguiu resistir à fúria da construção, a que chamam progresso, ficou apenas no ouvido dos mais antigos e, felizmente, no tomo de alguns livros da época, não só de gastronomia, mas também dando corpo a narrações em prosa e verso, constando, por isso, nos cardápios da boa cozinha, na arte de guisar, amanho e condimentar o coelho, daí a designação de Pedro dos Coelhoos, cuja fama de comer bem e de saborear qualidade e segurança chegou longe, quando de todo o lado e de todas as classes sociais vinha gente provar o pitéu, depois de tudo feito à vista do cliente, até a escolha do mamífero ainda vivo para além de outros produtos saídos da horta do proprietário e da capoeira anexa à loja, neste caso a boa galinha ali criada e as excelentes pratadas de ovos fritos, como nos garante Eça de Queiroz nos Maias.

Seria hoje a mais antiga e conhecida "catedral da restauração" pertencente a Pedro Franco (não o confundir com o outro Pedro Franco, administrador do concelho de Belém, em 1852, ao qual pertenceram os lugares da

hoje Amadora, conquanto fossem contemporâneos, mas nada tinham de familiar).

Esta casa de pasto tinha como lema: "Esta casa é a verdadeira e mais antiga onde se guisam coelhos".

Não era designada restaurante. No século XIX era palavra pouco usada, ou timidamente utilizada, prevalecendo as tabernas, casas de pasto, locandas ou mesmo estalagens. A palavra restaurante é importada, chegou através de um francês, de nome Boulanger ao abrir uma loja, em 1765, exclusivamente para servir refeições, tendo-a registado numa tabuleta colocada à porta: "Vinde a mim todos cujo estômago está a trabalhar e eu os restaurarei".

Assim chegou até nós a palavra restaurante e com ela, já nos nossos dias, a "restauração", tendo o Pedro dos Coelhoos sido um dos pioneiros, quando a sua casa, ao contrário das outras, só fornecia comer e não pousada ou hospedaria.

Para o efeito de pousada ou hospedagem existiam por cá outras casas, na Venda Nova e a Porcalhota de Cima, neste caso no "palácio", edifício ainda existente, conquanto degradado em parte, chegou a funcionar como Mala Posta, muda e recolha de cavalos, mas também como estalagem.

Outras casas de pasto, ou mesmo tabernas, também tinha a sua fama, como a Tia Sofia, esta já dos nossos tempos, mas também, entre outras, a locanda, com vinhos e petiscos, de José dos Santos Janeiro, homem que deixou o seu nome ligado ao actual Bairro Janeiro, na freguesia da Venteira.

A casa do Pedro dos Coelhoos ocupava um espaço na Rua Elias Garcia, entre os n.ºs 152 e 156.

A Rua Pedro Franco, quase ao lado, é o testemunho toponímico que resta desta afamada casa de "restauração".



Casa do "Pedro dos Coelhoos" já demolida.